



Patrocínio



Realização



Apoio



**Educando para o
Patrimônio Cultural:**
*Propostas de Práticas para
a Educação Formal*

Ana Cláudia Cerini Trevisan
Leandro Henrique Magalhães

Autores

Ana Cláudia Cerini Trevisan
Leandro Henrique Magalhães

Projeto gráfico, capa, foto capa, diagramação

Rei Santos

Impressão

Gráfica e Editora Midiograf

Tiragem

2000 cópias

20 páginas | Setembro 2012

Londrina - Paraná

Conselho Editorial - Unifil

Prof. Ms. Luís Marcelo Martins
Prof.^a Ph.D. Luciana Grange
Prof. Ms. Ivan Prado Junior
Prof. Dr. João Antônio Cyrino Zequi
Prof. Ms. Henrique Afonso Pipolo
Prof.^a Dr.^a. Suhaila Mahmoud Smaili Santos
Prof.^a Esp. Ilvili Werner
Prof.^a Ms. Máira Salomão Fortes
Prof.^a Ms. Marta Regina Furlan de Oliveira
Prof.^a Dr.^a. Denise Hernandes Tinoco
Prof. Ms. Sérgio Akio Tanaka
Prof. Ms. José Martins Trigueiro Neto
Prof.^a Dr.^a. Damares T. Biazin - Presidente

Coordenador - Conselho Editorial

Prof. Dr. Leandro Henrique Magalhães

T739e Trevisan, Ana Cláudia Cerini
Educando para o patrimônio cultural: propostas de práticas para a educação formal / Ana Cláudia Cerini Trevisan, Leandro Henrique Magalhães. – Londrina : EdUnifil, 2012.

50 p.

ISBN: 978-85-61986-33-9

1. Patrimônio Cultural 2. Educação 3. Londrina I. Título. II. Magalhães, Leandro Henrique.

Thais Fauro Scalco | Bibliotecária Responsável - CRB 9/116

**Educando para o
Patrimônio Cultural:**
*Propostas de Práticas para
a Educação Formal*

Ana Cláudia Cerini Trevisan
Leandro Henrique Magalhães

1ª Edição
Londrina | Setembro 2012

Educando para o Patrimônio Cultural: Propostas de Práticas para a Educação Formal

Ana Cláudia Cerini Trevisan
Leandro Henrique Magalhães

APRESENTAÇÃO

Este material apresenta uma proposta metodológica para o estudo do Patrimônio Cultural na educação formal, especificamente no que se refere às ações desenvolvidas junto a alunos de Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Essa proposta têm por base as ações desenvolvidas, desde o ano de 2005, pelo projeto Educação Patrimonial na cidade de Londrina-PR, financiado pelo Programa Municipal de Incentivo a Cultura – PROMIC.

O método sugerido foi desenvolvido a partir de experiências práticas realizadas durante os anos de 2007 a 2011. Sua elaboração contou com a participação dos seguintes profissionais:

- Ana Cláudia Cerini Trevisan - Pedagoga
- Denise M. Américo de Souza - Historiadora
- Elisa Roberta Zanon - Arquiteta
- Leandro H. Magalhães - Historiador
- Patrícia M. Castelo Branco – Historiadora
- Vanda de Moraes – Diretoria de Patrimônio Artístico e Histórico-Cultural da Prefeitura Municipal de Londrina
- Estagiários do curso de Pedagogia e Arquitetura e Urbanismo da UniFil.

Consideramos aqui os conceitos do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional – IPHAN, em torno do Patrimônio Cultural Material e Imaterial.

No que diz respeito aos Bens Culturais Materiais, estes se dividem em Móveis: produção pictórica, escultórica, mobiliário, objetos, etc..., e Imóveis: edificações e sua ambiência, conjuntos urbanos, sítios arqueológicos, jardins e parques e paisagem cultural. Os Bens Culturais Materiais são mais comumente trabalhados e identificados, tanto na educação formal como não formal.

No que se refere aos Bens Culturais Imateriais, o IPHAN parte do conceito da UNESCO, que define como Patrimônio Cultural Imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.”

O Bem Cultural Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Torna-se, no entanto, cada vez mais complexa a distinção entre Bem Cultural Material e Imaterial, visto que todo Bem Cultural Material só se efetiva a partir das percepções e relações com o mesmo, e que o Bem Cultural Imaterial só se concretiza a partir de sua materialização, mesmo que temporária no tempo ou restrita no espaço.

Consideramos ainda o Bem Cultural Comunitário, ou seja, aquele que aproxima a comunidade, tendo em vista sua identificação, apropriação e preservação, indo além do chamado Patrimônio Oficial. Parte-se aqui da seleção e identificação de elementos presentes na comunidade, considerados como Bem Cultural e que, de alguma forma, contribuam para o reconhecimento dos mesmos como sujeitos.

Partindo destes conceitos e método, apresentaremos algumas propostas práticas. Para tal, primeiramente demonstraremos o método utilizado durante a execução do projeto visando o desenvolvimento das ações em educação patrimonial. Em seguida, serão abordados alguns roteiros, preparados no decorrer dos anos. Entendemos que este material pode ser utilizado como motivador em um trabalho de sensibilização de alunos. Passaremos então a apresentar práticas de educação formal visando garantir aos alunos, compreensão e apropriação dos conceitos de Patrimônio Cultural Material e Imaterial.

EDUCANDO PARA O PATRIMÔNIO CULTURAL - A PROPOSTA

A proposta aqui descrita foi desenvolvida a partir de experiências práticas, realizadas durante os anos de 2007 a 2011, tanto na educação formal como não formal, realizadas na cidade de Londrina.

A proposta permite a execução de um trabalho interdisciplinar garantindo, além da compreensão dos conceitos trabalhados, o desenvolvimento de habilidades de linguagem oral e escrita;

a organização espacial e temporal; a compreensão da diversidade e pluralidade cultural; o emprego da criatividade e das habilidades motoras; bem como, o desenvolvimento do espírito investigativo.

A metodologia é desenvolvida a partir de etapas fundamentais:

- ETAPA 01 – Sensibilização / Debate Conceitual
- ETAPA 02 – Busca de Informações (Organização e Registro, Interpretação/Exploração)
- ETAPA 03 - Materialização/Produção do Conhecimento

Estas não são necessariamente subsequentes, podendo ocorrer de modo simultâneo, dependendo da temática abordada.

PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: ROTEIROS ELABORADOS

Durante a execução do projeto, ações foram realizadas no âmbito da Educação Não Formal. Entendemos que estas podem ser apropriadas e utilizadas também na Educação Formal, possibilitando o trabalho tanto com o patrimônio material como imaterial. Dentre as propostas de trabalhos para a Educação Patrimonial Não Formal desenvolvida pelo projeto Educação Patrimonial, desde 2005, está a organização e realização de roteiros.

Neste tipo de atividade, a diferença entre Bem Cultural Material e Imaterial é relativizada, tendo em vista que a materialidade dos locais e espaços indicados só faz sentido a partir das percepções e relações estabelecidas entre a comunidade e os locais visitados.

O primeiro roteiro desenvolvido é o intitulado **“Londrina – Aventura Urbana: Trilha Interpretativa-Centro Histórico”**. Foi organizado pelo Arquiteto e professor da Universidade Estadual de Londrina – UEL, Humberto Yamaki, e teve por objetivo esclarecer e conscientizar a comunidade para a importância do reconhecimento e da preservação do patrimônio cultural londrinense. O roteiro parte da antiga estação ferroviária e segue para o chamado Centro Histórico de Londrina, quando são apresentados seis conjuntos para observação, reconhecimento e apropriação, possibilitando o reconhecimento de um “pedaço” da história de Londrina.

O segundo roteiro traz o título **“Roteiro da Diversidade Religiosa de Londrina”** foi desenvolvido em 2007, pela arquiteta Elisa Roberta Zanon e pelos historiadores Leandro Henrique Magalhães e Patrícia Martins Castelo Branco. O objetivo é chamar a atenção para a diversidade étnica e religiosa que marca a cidade desde sua fundação, estimulando a busca do conhecimento e possibilitando a convivência.

Para composição do roteiro privilegiou-se as manifestações, em detrimento da arquitetura dos templos, apesar de que, em alguns casos, o aspecto arquitetônico seja um diferencial a ser considerado. Considerou-se também o fato de que os templos são marcos paisagísticos importantes, independentes da religiosidade professada pelos moradores e transeuntes.

Segue texto de apresentação do roteiro:

“O Brasil é um dos maiores símbolos mundiais de pluralidade, construída no tempo por várias raças, culturas e regiões, permitindo que todos sejam iguais mediante a imensa variedade étnica. Em Londrina, esta mistura está presente desde o início de sua formação,

onde imigrantes vindos de vários lugares do país e do mundo nos deixaram um legado ímpar de suas tradições e costumes. Baseado nestes dados e sem a pretensão de esgotar o assunto, o 'Roteiro da Diversidade Religiosa da Cidade de Londrina' é resultado de um estudo que buscou contemplar esta pluralidade em nosso município, apresentando uma primeira reflexão sobre este tema, visando especialmente o despertar do respeito às diferenças e às opções de crença de cada um. Não houve a priorização da área central, a periferia também está aqui representada pelas regiões Oeste, Norte e Patrimônio Espírito Santo, locais onde serão desenvolvidas atividades vinculadas ao Projeto Educação Patrimonial III. A proposta do roteiro é mostrar um pouco desta diversidade presente na paisagem urbana de Londrina através de visitas externas aos templos, e que podem ser realizadas em todo ou em partes, estando-se sozinho ou acompanhado, não havendo ainda lugar de começo ou fim, ficando aberto às possibilidades, desejos e necessidades de cada visitante".

O terceiro roteiro foi motivado pelas oficinas desenvolvidas nas escolas e elaborado no ano de 2008 pela arquiteta Elisa Roberta Zanon e pelos historiadores Leandro Henrique Magalhães e Patrícia Martins Castelo Branco. O "**Roteiro das Escolas da Cidade de Londrina**" foi criado por entendermos que as escolas são um importante fator indenitário para alunos, pais e comunidade, além de, assim como os templos, serem marcos paisagísticos nas comunidades onde estão inseridos.

Segue texto de apresentação do roteiro:

"Nos últimos anos, o projeto 'Educação Patrimonial', vinculado ao 'Programa Municipal de Incentivo à Cultura – PROMIC', vem desenvolvendo atividades de

*conscientização e valorização do patrimônio junto a algumas escolas públicas do município de Londrina. Tais atividades tiveram como princípio norteador o entendimento de que o reconhecimento do patrimônio é fundamental para a identificação do indivíduo com seu meio, atuando como sujeito na seleção e interpretação histórico-cultural da comunidade. No decorrer das atividades, percebeu-se a valorização do lugar como espaço de vivências e de constituição de práticas culturais que fortalecem as identidades locais. Dentre os lugares trabalhados, destacam-se as escolas, como ambiente de vivência e convivências e também como marcos espaciais da cidade e das comunidades atendidas. Ao entender-se as escolas como patrimônio histórico-cultural, o projeto '**Educação Patrimonial IV: Histórias do Nosso Pedaco**', optou pela confecção do 'Roteiro das Escolas da Cidade de Londrina'. Devido a impossibilidade de atender a todas as instituições da cidade, adotou-se como critérios a antiguidade, a importância arquitetônica ou marco paisagístico. Por trazerem a diversidade de expressões religiosas no município de Londrina, também foram incluídas as escolas confessionais. Esperamos que esse roteiro traga a possibilidade de se reconhecer um pouco mais sobre as escolas de nossa cidade e suas respectivas comunidades, valorizando-as como marcos identitários".*

O quarto roteiro, de 2011, foi coordenado pela arquiteta Elisa Roberta Zanon, e tem como título "**Rua Sergipe: Roteiro Histórico**". O mesmo está inserido em uma série de ações desenvolvidas neste ano, tendo como centro a referida rua, entendida como um importante bem cultural, por ser uma das mais antigas ruas de comércio da cidade e por contar com dois importantes bens culturais: o antigo cadeião e a antiga rodoviária, esta tombada pela Coordenadoria de Patrimônio Cultural do Estado do Paraná.

Segue texto de apresentação do roteiro:

“Tradição e renovação são adjetivos aliados à Rua Sergipe, que desde a década de 1940/1950 representa parte significativa da memória do comércio da cidade com suas lojas de diversas especialidades: bazares, utilidades domésticas, vestuário, calçados, relojoarias, alimentação, entre outros serviços úteis a comunidade. Os produtos ali encontrados vão desde mercadorias descartáveis até aquelas que podem fazer parte da história de muitos de nós, como o vestido de festa, a panela do primeiro arroz, a revelação da foto do primeiro filho. A Rua Sergipe guarda muita história. Já abrigou desfiles de carnaval, paradas cívicas e foi conhecida como ‘Pequena Tóquio’, devido a significativa presença de imigrantes japoneses que investiram na compra de lotes para ali montar seus comércios ou mesmo para morar. Talvez seja por este motivo que ainda hoje podemos observar residências nos fundos de alguns lotes, ocultas pelo comércio levantado a frente. Falando em imigração japonesa, não podemos deixar de lembrar do Residencial Tóquio, o primeiro ‘arranha-céu’ da Sergipe, construído na década de 1950 e que – coisa rara então – possuía elevador. Além das histórias sobre o desenvolvimento e a arquitetura, alguns aspectos sociais marcaram a rua, como a construção do antigo ‘Cadeião’, que permanece para nos lembrar que nem tudo foi sinônimo de retidão e honestidade nos princípios da formação da cidade. Contudo, o passado auxilia na compreensão do presente. Esta rua agitada possui um mundo arquitetônico que vem sendo limpo e revelado, através de suas belas fachadas que trazem ornamentos, frisos, desenhos e vitrines restauradas. Atualmente a Rua Sergipe ainda é marcada pela grande variedade de comércio, alguns distintamente populares figuram lado a lado com pequenos shoppings e atividades sofisticadas. Mesmo a cultura aqui é contemplada pelo seu representante maior, o Museu de Arte de Londrina

– MAL (antiga rodoviária), localizado praticamente no meio trecho de sua extensão comercial. Este roteiro é um convite para um passeio pela rua que figura em nosso imaginário. Embora muito vista, acreditamos que seja pouco observada, e é aí que cabe a necessidade de um olhar mais demorado e apreciativo”.

Partindo da metodologia de trabalho aqui apresentada, a própria realização dos roteiros pode ser considerada como etapa 01 do trabalho, ou seja, de sensibilização e debate conceitual.

Antes da realização dos roteiros é necessário o reconhecimento das características que, de forma geral, os marcam. Portanto, o professor deve explicar que:

- Um roteiro é um caminho traçado com uma finalidade específica, geralmente de reconhecimento ou com finalidade turística. Não abrange assim uma totalidade, mas uma parte selecionada a partir de um tema, único e específico. Nos casos aqui apresentados, os temas estão destacados já nos títulos dos mesmos.
- Mesmo com um tema definido, o roteiro pressupõe seleção. Ou seja, não são todos os bens culturais da cidade/comunidade, vinculado aquele tema, que cabem no roteiro. Daí a importância dos critérios estarem bem definidos, evitando com isso questionamentos posteriores.
- Deve-se respeitar o traçado do roteiro, construído a partir de uma lógica, que pode ser histórica (caso do roteiro intitulado “Aventura Urbana”) ou prática (caso dos roteiros da “Diversidade Religiosa” e das “Escolas de Londrina”, que tiveram que respeitar o traçado urbano na constituição e seleção dos bens).

Todos os roteiros apresentados pressupõem um debate conceitual preliminar a ser realizado na primeira etapa.

Na etapa de Sensibilização e Debate Conceitual do roteiro “Aventura Urbana”, é importante o aluno conhecer a história da constituição da cidade, o plano inicial para o traçado do centro urbano (uma malha xadrez com elipse central e diagonal, projetada pela Companhia de Terras Norte do Paraná) e a expansão do município, já que estamos considerando aqui um passeio pelo centro histórico.

A etapa de Sensibilização e Debate Conceitual do roteiro “Roteiro da Diversidade Religiosa”, compreende um debate preliminar sobre o tema, considerando-se as manifestações religiosas presentes no país, sua origem, constituição, mitologia, entre outros aspectos.

Ao abordarmos, na etapa de Sensibilização os roteiros das escolas e da Rua Sergipe, o debate deve levar os alunos a perceberem que estes espaços são espaços de sociabilidade e interação, assim, podemos discutir sobre o sentido da escola e das ruas, tanto individualmente, como para o grupo social.

Na etapa 02, que pressupõe a busca de informações, sua organização e registro, vale a pena partir dos dados presentes nos próprios roteiros, tendo em vista que cada local apresentado possui informações preliminares, que podem ser aprofundadas a partir de pesquisa, por exemplo, na biblioteca da escola e no Museu Histórico de Londrina “Padre Carlos Weiss”.

Também é importante considerar quais locais os alunos conheciam e quais não conheciam antes do passeio, possibilitando assim intensificar a pesquisa sobre determinados pontos da cidade. Durante o passeio, pode-se solicitar aos alunos que fa-

çam um diário de bordo, onde serão anotadas todas as informações consideradas relevantes pelo aluno. Pode-se ainda aproveitar a oportunidade para apresentar alguns diários, tais como o romance Robinson Crusoe, escrito por Daniel Defoe em 1719.

Na etapa 03, de materialização e produção do conhecimento, é possível fazer uso do diário escrito pelos alunos. Que tal montar um pequeno livro, com os relatos, destacando assim suas percepções em relação ao roteiro realizado? Ou ainda utilizar trechos dos diários para a montagem de painéis, preparados com cartolinas e fazendo uso de fotografias tiradas durante os passeios.

E que tal, após finalizar a atividade, fazer tudo novo... Agora, no seu bairro, comunidade ou escola? Quem sabe um roteiro das igrejas frequentadas pelos alunos, ou reconhecidas por ele? Ou contar um pouco da história da escola, ou da rua da escola, ou ainda de uma rua escolhida por todos?

Ou ainda, iniciar aqui a primeira atividade proposta. O Roteiro do Bairro, após a realização da “Aventura Urbana”?

PROPOSTAS DE PRÁTICAS PARA A EDUCAÇÃO FORMAL

Ao iniciar o desenvolvimento de qualquer atividade didática, é necessário que o professor realize um levantamento das representações que o público alvo (alunos) já construiu acerca do mundo social.

O acesso a tais representações permitirá que identifique os conceitos prévios de seus alunos, mediando da forma mais adequada o processo formativo, com vistas à assimilação dos conceitos a serem desenvolvidos.

De igual modo, faz-se necessário que, antes de iniciar as etapas do método, o professor realize uma rápida explanação sobre o conceito de Patrimônio Cultural, de Bens Culturais Materiais e de Bens Culturais Imateriais, para que o aluno entenda os objetivos e motivações da atividade a ser desenvolvida.

Lembramos que as atividades propostas devem ser adaptadas para a realidade em que forem desenvolvidas.

PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL

O Patrimônio Cultural Material é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, dividindo-se em bens imóveis (núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais) e móveis (coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos).

Os roteiros já apresentados visam o trabalho com o patrimônio cultural material, contudo, sugerimos a realização de um roteiro do bairro.

ROTEIRO DO BAIRRO

Os conteúdos programáticos da disciplina de História, para os alunos dos anos iniciais, visam, de modo geral, a formação de indivíduos ativos e críticos diante da realidade dada, de forma a utilizar as ferramentas dessa disciplina em sua vida cotidiana.

Ao trabalharmos com o “Roteiro do Bairro” visamos a identificação, por parte do aluno, do Patrimônio Cultural de seu bairro ou do bairro da escola, por meio do reconhecimento dos Bens Culturais Materiais e Imateriais do bairro estudado. Partindo do método proposto, primeiramente realizamos a etapa de Sensibilização.

Etapa 1 – Sensibilização/ Debate Conceitual

Nesta etapa, deve-se propor uma discussão em torno do bairro e sua história, evidenciando seus elementos materiais e imateriais, tanto os oficiais como para seus moradores. Deste modo, reforçamos os conceitos e problematizamos a transformação do bairro ao longo do tempo e o impacto deste na

vida cotidiana de seus moradores. Neste sentido, pode-se pensar em uma reflexão a respeito dos aspectos positivos e negativos do bairro, questionando os alunos sobre o que mais gostam e/ou menos gostam no local em que moram ou estudam. Neste momento, será possível identificar os aspectos arquitetônicos do bairro, suas edificações, a existência de jardins, parques, praças, entre outros.

Uma sugestão é o uso da música “Saudo-sa Maloca”, que nos apresenta elementos como mudanças urbanas, ocupação do espaço e identidade. Além disso, é possível abordar aspectos como linguagem e terminologias. Assim, vale a pena perguntar ao aluno se ele sabe o que é uma maloca (peça para que desenhe) e se conhece algum lugar no bairro que tenha sido modificado.

2ª Etapa – Busca de Informações (Organização e Registro, Interpretação/Exploração)

Esta etapa compreende a busca (exploração), a organização, a interpretação e o registro de informações. É aqui que o roteiro será, efetivamente, preparado. Exploraremos alguns elementos fundamentais para o trabalho com o Patrimônio Cultural, como o debate, a seleção e a busca do consenso. O objetivo desta etapa é preparar e percorrer o roteiro do bairro.

O primeiro passo é a divisão da sala em pequenos grupos. O ideal é que tenhamos pelo menos seis grupos.

Os grupos deverão escolher espaços importantes do bairro, no limite de três para cada grupo. Esta escolha deve ser feita em consenso, sendo ainda necessário justificar a escolha.

Feito isso, é realizada uma plenária. Neste momento, cada grupo irá apresentar suas escolhas, justificando-as. Os locais escolhidos deverão ser listados no quadro negro e, em caso de repetição, deverá aparecer apenas uma vez na lista.

Com os locais escolhidos listados, o próximo passo é a escolha dos locais a serem visitados, selecionando o máximo de dez. Como tivemos seis grupos, cada qual escolhendo três lugares, teremos, ao final, dezoito opções. Geralmente, aqui, a discussão tende a ser acirrada, com os grupos argumentando e defendendo a sua escolha. Mas lembre-se: será necessário chegar a um consenso.

Após a finalização do processo de escolha, deverá ser definido o roteiro em si. Ou seja: qual lugar será visitado primeiro (e assim por diante) e o melhor caminho a seguir. Lembre-se aqui da viabilidade, ou seja: não adianta querer começar do lugar mais distante, ou ficar dando voltas no bairro. O roteiro deverá ter a duração máxima de uma hora e meia.

Antes da realização efetiva do roteiro, peça para que os alunos desenhem o roteiro, pois assim, elaboram um mapa mental. A atividade pode ser feita individualmente ou em grupo.

Peça ainda para que os grupos façam pesquisas sobre os locais escolhidos, destacando sua história e seus vínculos com a comunidade. Esta pesquisa deverá ser socializada no momento da realização do roteiro

No fim desta etapa, com a elaboração do roteiro iniciamos a Etapa 03 da metodologia, ou seja, inicia-se o processo de materialização.

Por fim, chegou o momento da realização do Roteiro. Lembre-se da autorização dos pais e alerte para os alunos estarem com roupas adequadas (tênis, bonés) e levarem água.

Como foi realizada pesquisa pelos alunos, eles deverão fazer o papel do Guia de Turismo, ou seja, falarão sobre os dados encontrados de cada localidade pesquisada pelo grupo.

Lembre-se também de tirar fotos de cada localidade, pois estas serão utilizadas na próxima etapa.

Etapa 03 – Materialização/Produção do Conhecimento

Após a realização do roteiro, em sala de aula, os grupos prepararão uma exposição do patrimônio identificado do bairro.

Os grupos trabalharão com as fotografias que foram tiradas no percurso do roteiro, dando títulos às mesmas, identificando os personagens que aparecem e fazendo uma pequena descrição da imagem. Estas devem ser fixadas em folha de papel paraná ou cartolina. Os grupos podem criar outras formas de exposição.

É possível ainda preparar jogos como quebra cabeças (utilizando as fotos tiradas e colando em um papelão, depois, recortando as peças), caça palavras e labirintos.

Ao montarmos a exposição teremos a fotografia tirada, as informações sobre as mesmas e sobre os locais visitados. Convide a comunidade para visitar a exposição.

Para finalizar a atividade, faça uma avaliação com os alunos, destacando os aspectos positivos e as dificuldades para realização das mesmas.

Aproveite ainda para discutir alguns conceitos, a partir da escolha dos alunos, tais como:

- Patrimônio ambiental: campo, árvores, rios, cachoeiras;

- Espaços de uso comunitário: posto de saúde, igrejas, praças;
- Espaços que marcam uma identidade imediata: escola;
- Espaços privados ou pertencentes a personalidades: casa de um aluno, de um líder comunitário;
- Lugares que não existem mais, mas que foram lembrados;
- Estranhas nomenclaturas, entendidas apenas nesta localidade.

Considere não apenas a materialidade, mas a relação com os lugares, que possibilita um novo olhar para sua vivência.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

Na área do Patrimônio Cultural Imaterial as ações do IPHAN voltam-se para a valorização da diversidade cultural da criatividade humana, reconhecendo:

- os Saberes, que são os conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- as Celebrações, ou seja, os rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- as Formas de Expressão, como as manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
- os Lugares, como os mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas.

Neste sentido, recomendamos que o professor realize uma pesquisa, antes de iniciar o trabalho com os alunos, buscando identificar os aspectos que podem ser utilizados como sensibilizadores para a proposta.

SABERES: TRABALHANDO COM A GASTRONOMIA

Como vimos, a forma de preparo e de apresentação de um alimento pode ser considerado como Bem Cultural Imaterial, enquadrando-se na categoria dos saberes.

Neste sentido, a primeira ação a ser desenvolvida é o debate conceitual em torno do significado do Bem Cultural Imaterial. Deste modo, iniciamos a primeira etapa.

1ª Etapa – Sensibilização/ Debate Conceitual

Propomos a realização de um debate acerca do conceito do Bem Cultural Imaterial. Durante o debate enfatizamos a noção de permanência, ou seja, daquilo que é transmitido de geração a geração e, desta forma, também é reinventado.

Para tal, podemos apresentar alguns exemplos como o caso do Acarajé e do Queijo de Minas, que foram registrados como Bem Cultural Imaterial pelo IPHAN, valorizando o “Modo de Fazer” e os aspectos culturais que envolvem a produção, exposição e consumo destes alimentos.

Extrapole a discussão para o processo de industrialização, ocorrido ao longo do tempo e suas implicações no contexto social, demonstrando a importância de salvaguardar como modo de garantir a produção artesanal.

Também pode ser realizado um trabalho com a música “*Fome Come*” do grupo Palavra Cantada e, dependendo da idade, com a música “*Comida*”, da banda Titãs, que abordam questões como o fato de que comer é mais do que apenas ingerir alimentos.

Fome Come

Palavra Cantada

Gente eu tô ficando impaciente
A minha fome é persistente
Come frio come quente
Come o que vê pela frente
Come a língua come o dente
Qualquer coisa que alimente
A fome come simplesmente
Come tudo no ambiente
Tudo que seja atraente
É uma forma absorvente
Come e nunca é suficiente
Toda fome é tão carente
Come o amor que a gente sente
A fome come eternamente.
No passado e no presente
A fome é sempre descontente

Fome come fome come
Se vem de fora ela devora ela devora ela devora
(qualquer coisa que alimente)
Se for cultura ela tritura ela tritura
Se o que vem é uma cantiga ela mastiga ela mastiga
Ela então nunca discute só deglute só deglute
E se for conversa mole se for mole ela engole
Se faz falta no abdome fome come fome come

Gente eu tô ficando impaciente
A fome sempre é descontente
Toda fome é tão carente
Qualquer coisa que alimente
Come o amor que a gente sente come o amor que
a gente sente

Comida

Titãs

Bebida é água.
Comida é pasto.

Você tem sede de que?
Você tem fome de que?

A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte.
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte.
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé.
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer.

Bebida é água.
Comida é pasto.

Você tem sede de que?
Você tem fome de que?

A gente não quer só comer,
A gente quer comer e quer fazer amor.
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade.

Sugere-se ainda que se trabalhe com o filme *“Ratatouille”*, em especial a cena em que o crítico de cozinha experimenta o referido prato, remetendo-o a sua infância e suas relações familiares/comunitárias.

2ª Etapa – Busca de Informações (Organização e Registro, Interpretação/Exploração)

Nesta etapa, cada aluno deverá fazer uma pesquisa, identificando a receita tradicional familiar, aquela que aparece em todas as reuniões ou festas de família, como o ‘bolo de chocolate da tia’, ‘o bolinho de chuva da mãe’ ou o ‘arroz doce da avó’.

A receita deverá ser transcrita e apresentada na sala, identificando os ingredientes e o modo de preparo. Pode-se ainda identificar a história da receita, sua origem e se sofreu modificações no decorrer dos anos, além de seu significado para a família. Esta pode ainda ser considerada também como parte da Etapa 03, a de Materialização.

Após a apresentação, a sala irá escolher algumas receitas que serão preparadas na cozinha da escola, pelos alunos, sob a supervisão do professor.

3ª Etapa - Materialização/Produção do Conhecimento

Uma das possibilidades de materialização é a constituição de um livro de receitas da sala. O livro será elaborado pelos alunos, devendo conter:

- 1- os textos da receita: ingredientes e modo de preparo (instruções para realização do prato);
- 2- uma foto da família;
- 3- uma resenha, ou seja, um texto curto produzido pelo aluno, falando sobre a receita.

Sugere-se que o livro seja distribuído para as famílias (pais ou responsáveis) dos alunos. Pode ser feita uma festa, para a qual serão reproduzidas as receitas escolhidas na etapa anterior.

Essa estrutura também pode ser utilizada quando abordamos, por exemplo, o tema trabalho (entendido como saberes). Assim, podemos partir do debate conceitual acerca de quais são as profissões que hoje, não existem mais? Em que trabalhavam os avôs das crianças? E as profissões/estabelecimentos comerciais que marcam culturalmente uma localidade, como: o fotógrafo lambe-lambe, o datilógrafo, o Leiteiro; o Telegrafista; o Cocheiro; o Pianista de Cinema, o escritor de cordel.

TRABALHANDO COM PRÁTICAS DA VIDA SOCIAL: CELEBRAÇÕES

Procedemos ao trabalho da forma já demonstrada, seguindo as etapas do método proposto.

1ª Etapa – Sensibilização/ Debate Conceitual

A primeira ação a ser desenvolvida é o debate conceitual em torno do significado das Celebrações como Bem Cultural Imaterial, destacando que estas correspondem a eventos coletivos das práticas da vida social. Para exemplificar, pode ser apresentado a caso do *“Círio de Nazaré”*, evento religioso realizado há mais de dois séculos em Belém do Pará; bem como, do *“Ritual Yaokwa do povo indígena Enawene Nawe”*, considerado a principal cerimônia do calendário ritual dos *Enawene Nawe*, povo indígena de língua *Aruak*, do Mato Grosso.

Nesta etapa podemos utilizar vídeos e documentários sobre os eventos nacionais, para demonstrar o que é entendido por Celebração como Bem Cultural Imaterial.

Por fim, podemos investigar quais eventos, dos que ocorrem na cidade, os alunos frequentam com a família, bem como, se a mesma participa de algum evento regular, como uma festa familiar que acontece ano a ano.

2ª Etapa – Busca de Informações (Organização e Registro, Interpretação/Exploração)

Nesta etapa, a turma será dividida em grupos. Os grupos realizarão uma pesquisa para identificar as festas e rituais realizados na cidade durante o ano.

Conforme a quantidade de festas identificadas será feita plenária para que os alunos escolham as festas que continuarão pesquisando. Se a quantidade de festas for igual a de grupos, cada qual deverá pesquisar o histórico da festa escolhida, sua periodicidade, data, objetivo.

Os alunos deverão registrar todos os dados levantados.

3ª Etapa - Materialização/Produção do Conhecimento

Uma das possibilidades de materialização é a constituição de um “Almanaque” apresentando as práticas coletivas identificadas. Cada grupo deve preparar uma apresentação da festa que pesquisou para compor o “Almanaque”. Essa apresentação deve conter:

- uma ilustração (uma foto do evento ou um desenho)
- um texto explicativo sobre o evento, descrevendo as características e curiosidades sobre o mesmo.

Sugere-se que o “Almanaque” seja deixado na Biblioteca da escola para que todos tenham acesso.

TRABALHANDO COM FORMAS DE EXPRESSÃO: MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS “HISTÓRIAS DE MEDO”

Dentre as formas de expressão reconhecidas como Bem Cultural Imaterial tem-se as manifestações: literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas.

Essa proposta foi inspirada e adaptada a partir do projeto desenvolvido pelo Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, “Histórias de Assombração – Quem tem Medo de Quê?”

Para efetivação da proposta partimos da história e experiências da criança e da família: sua origem, o trabalho, a música, a alimentação, as brincadeiras, os medos. Portanto, partimos do individual para o comunitário, efetivado na exposição dos dados levantados e na aproximação entre as histórias particulares.

1ª Etapa – Sensibilização/ Debate Conceitual

Iniciamos o trabalho com o debate conceitual em torno do significado do Bem Cultural Imaterial, salientando as formas de expressão que são transmitidas de geração a geração e, desta forma, são reinventadas.

Este debate é especialmente importante quando abordamos as chamadas histórias de medo, entendidas como aquelas que fazem parte do repertório popular como: saci-pererê, mula-sem-cabeça, cuca, e que por algum motivo, estão se distanciando do imaginário das crianças, substituídas por bruxas, gnomos, dragões e ogros, próprios de um repertório europeu.

A ideia não é abandonar a influência europeia ou negar o poder da indústria cultural, mas possibilitar que as manifestações populares sejam consideradas.

2ª Etapa – Busca de Informações (Organização e Registro, Interpretação/Exploração)

Para iniciar as atividades da 2ª etapa, solicitamos que os alunos busquem com seus familiares, pais e parentes, informações sobre histórias de medo. Assim, o aluno deve realizar entrevistas e escolher uma história, contada por algum dos familiares.

Este relato deverá ser reproduzido em sala de aula. Ou seja, cada aluno irá contar sua história para os demais.

Após esta etapa, as mesmas deverão ser escritas e, depois, desenhadas e socializadas, em uma pequena exposição montada na sala de aula, que pode ser considerada como parte da Etapa 03, a de Materialização.

O próximo passo é ir até a biblioteca da escola e identificar quais livros são relativos a histórias de medo e se, algumas das histórias dos livros se assemelham as contadas pelos familiares.

Para esta atividade, sugere-se a divisão dos alunos em grupos, que deverão ler as histórias e, depois, recontá-las, em um processo de socialização, o que também culmina em parte da 3ª etapa.

Após este trabalho, o aluno deverá relatar um medo contemporâneo, que poderá também ser transformado em desenho ou ser reproduzida de forma escrita.

3ª Etapa - Materialização/Produção do Conhecimento

A materialização poderá se dar de diversas formas, como as já citadas: uma exposição com os desenhos produzidos pelos alunos; uma contação de histórias coletivas sendo que, neste caso, seria interessante também convidar um parente de uma das crianças.

Também pode ser realizada a representação de uma das histórias apresentadas pelos grupos, seja em forma de fantoches ou de dramatização.

A materialização deve contar com a participação ativa dos alunos, deste modo, eles mesmos podem decidir a forma mais adequada de expressar os conhecimentos adquiridos.

DE EXPRESSÃO MANIFESTAÇÕES LÚDICAS: JOGOS E BRINCADEIRAS

Ao trabalharmos com jogos e brincadeiras como bens culturais, torna-se essencial articular o patrimônio cultural e a memória. Conforme o IPHAN, a identificação da cultura imaterial se dá pela relevância para a memória, para a identidade coletiva e para a formação da sociedade brasileira.

Neste sentido, podemos trabalhar com as brincadeiras que os familiares dos alunos costumavam brincar, bem como, com as brincadeiras que os alunos tem utilizado em seu cotidiano.

1ª Etapa – Sensibilização/ Debate Conceitual

Iniciamos o trabalho com o debate conceitual em torno do significado do brinquedo, evidenciando-o como um Bem Cultural Imaterial. Para tal, podemos pedir que os alunos indiquem os brinquedos e as brincadeiras que fazem parte de seu cotidiano.

Após, cada aluno relatará o que identificou. É interessante que o professor escreva no quadro as brincadeiras encontradas, para que se percebam as que são comuns nas indicações. Ao final dos relatos, o grupo escolherá algumas brincadeiras para dar continuidade ao trabalho, pesquisando sua origem.

A sensibilização também pode ser feita com a apresentação de brincadeiras da época da infância do professor, ou mesmo por meio de brinquedos como pião, ioiô, bola de gude, bilboquê, cinco marias ou jogo das pedrinhas, entre outros. Primeiramente o professor apresenta os brinquedos ou propõe brincadeiras como a do “passa anel” e brincadeiras de rua (esconde-esconde; pega-pega). Após os alunos brincarem o professor propõe a discussão sobre o que os alunos acharam, se gostaram, se as conheciam, buscando explorar se estas já faziam parte do cotidiano e como foram inseridas nele.

Estes debates são importantes, pois evidenciam a influência da indústria cultural e da mídia, no imaginário da criança.

2ª Etapa – Busca de Informações (Organização e Registro, Interpretação/Exploração)

Independente da forma escolhida para a sensibilização, nesta etapa, o aluno pesquisará sobre as brincadeiras que foram trabalhadas (as que foram escolhidas pela turma ou as que o professor apresentou).

Primeiramente os alunos perguntarão aos familiares sobre as brincadeiras que eles costumavam realizar na sua infância. Os alunos registrarão os relatos obtidos, de modo a explicar para os demais colegas da sala.

Sequencialmente os relatos serão socializados em sala.

Os alunos também podem pesquisar em fontes escritas a origem e finalidade das brincadeiras escolhidas pelo grupo.

Outra proposta é a de que os alunos identifiquem obras que retratem brincadeiras, como uma série de quadros de Cândido Portinari, que aborda a temática, a obra “O Sítio do Pica pau Amarelo” de Monteiro Lobato, entre outras.

3ª Etapa - Materialização/Produção do Conhecimento

A materialização poderá se dar de diversas formas.

Os alunos podem produzir cartazes apresentando as brincadeiras estudadas. Estes podem ser feitos com figuras ilustrativas das brincadeiras e textos dos alunos, comentando-as. Os cartazes podem ser expostos na escola.

Pode ser elaborado um jornal composto com textos informativos, sobre as brincadeiras estudadas, elaborados pelos alunos.

Também pode ser realizada uma atividade coletiva, onde os alunos apresentarão as brincadeiras para as demais turmas da escola. Após a apresentação, todos serão convidados a participar.

No site “Jogos Antigos” (<http://www.jogos.antigos.nom.br/cama.asp>) podem ser encontrados brincadeiras e jogos pouco conhecidos pelas crianças da atualidade.

TRABALHANDO COM LUGARES

Podemos proceder ao trabalho da forma já demonstrada, seguindo as etapas do método.

Partimos do debate conceitual em torno do significado dos lugares como Patrimônio Cultural Imaterial, enfatizando estes, como espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas, como os mercados, feiras, santuários, praças, entre outros. Podemos investigar os lugares que os alunos frequentam com seus familiares e após, proceder à busca de informações, pesquisando sobre as características dos locais identificados. Por fim, na etapa de materialização, é viável elaborar um roteiro, conforme os propostos.

Outra sugestão é a adaptação da oficina pedagógica *“Mosaicos de Rua: Tecendo as Memórias da Rua Sergipe”*, proposta que realizamos no ano de 2010 no *“Projeto Educação Patrimonial VI: Memórias da Rua”*, no qual trabalhamos uma rua específica da cidade de Londrina, no caso a rua Sergipe.

Essa proposta pode ser desenvolvida da seguinte forma:

1ª Etapa – Sensibilização/ Debate Conceitual

Com o objetivo de contextualizar a Rua a ser trabalhada, propomos um debate partindo das seguintes perguntas: Qual a finalidade de uma rua? Qual é a história da Rua ‘x’? Qual é a característica mais marcante da Rua ‘x’? Porque esta é identificada por tal característica? O que é Patrimônio Cultural? Porque uma rua é considerada Patrimônio Cultural?

2ª Etapa – Busca de Informações (Organização e Registro, Interpretação/Exploração)

Nesta etapa, identificaremos a história da Rua buscando identificar as características do Patrimônio relacionando-as às questões propostas na etapa de sensibilização.

Após a pesquisa dos dados da rua em questão, os alunos elaborarão perguntas que servirão de roteiro para as entrevistas que realizarão com os transeuntes, tanto pessoas que moram ou trabalham ali. O objetivo da atividade é o de investigar a percepção que a comunidade tem da rua em estudo, a partir das memórias e referências destes transeuntes.

As informações coletadas podem ser registradas da forma que o grupo julgar mais conveniente, o que culmina na etapa de materialização. Assim, os alunos podem produzir um vídeo registrando a imagem e narrativa dos entrevistados; pode ser um texto informativo do aluno ou mesmo um texto em forma de entrevista.

3ª Etapa - Materialização/Produção do Conhecimento

Na etapa de materialização, além das sugestões indicadas, podemos propor ainda que os alunos criem por meio do desenho ou pintura, sua própria representação da Rua estudada. Para tal, os dividiremos em pequenos grupos de 04 ou 05 alunos.

Cada aluno receberá uma cartolina e expressará suas percepções da rua, após, o grupo montará o seu *“Mosaico”*, organizando da forma que julgarem mais conveniente, suas elaborações/representações. Os Mosaicos podem ficar em exposição na escola, ou mesmo em algum estabelecimento da rua estudada.

FINALIZANDO

O material apresentado traz uma proposta metodológica construída a partir de experiências práticas vivenciadas pela equipe do Projeto Educação Patrimonial ao longo de diversas ações realizadas no período de 2005 a 2011. A abordagem do Patrimônio Cultural na educação formal, principalmente nas ações desenvolvidas junto a alunos de Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sempre foi um forte elemento norteador das ações deste projeto.

Este livro pode e deve ser utilizado como motivador em um trabalho de sensibilização dos alunos, preparando-os para se tornarem agentes promotores da preservação e divulgação do Patrimônio Cultural local. Em etapas subseqüentes espera-se garantir, aos alunos, compreensão e apropriação dos conceitos de Patrimônio Cultural Material e Imaterial de uma forma mais ampliada.

Por fim a possibilidade da execução de um trabalho interdisciplinar pautado pela inter-relação entre as áreas da Educação e da Cultura pode contribuir para a formação geral do aluno através da compreensão dos conceitos trabalhados; no emprego do conhecimento adquirido na sua realidade imediata; na compreensão e respeito à diversidade e pluralidade cultural que caracteriza nosso dia-a-dia; e principalmente, na ampliação de seu universo cultural.

O Patrimônio Cultural se constitui em uma importante ferramenta da qual os professores podem lançar mão visando a identificação de elementos estruturadores da identidade local, o que por sua vez, permitirá ao corpo docente uma maior integração ao “universo” da escola e do bairro em que atuam.

Vanda de Moraes

Diretora de Patrimônio Art. e Histórico-Cultural
Secretaria da Cultura/Prefeitura de Londrina

